

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ..

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

SUMMARIO:

A OS NOSSOS ASSIGNANTES EM DIVIDA.—SECCÃO RELIGIOSA: *Os principios catholicos perante a razão, I—O atheismo*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—SECCÃO SCIENTIFICA: *As conferencias quaresmaes na S.^a do Porto em 1884, I*, por Monsenhor Rodrigues Vianna (continuação).—SECCÃO HISTORICA: *Veronica*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECCÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas.—SECCÃO PARLAMENTAR: *Discurso de S. Ex.^a R.^{ma} o Sr. Bispo da Guarda, na sessão de 29 de março*.—SECCÃO ARTISTICA: *A exposição industrial de Guimarães, II*, por J. de Freitas.—SECCÃO ILUSTRADA: *I—Frei Thomé de Jesus; II—A Abbatia de Cluny*, por R.—SECCÃO LITTERARIA: *Anna Aloisi-Masella*, versão de Maria Domingues de Mendonça (Loulé).—SECCÃO BIBLIOGRAPHICA: *Os Frades*.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—SECCÃO CHRONOLOGICA: *O Padre Antonio Ferreira d'Abreu*, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE JULHO DE 1884

Aos nossos assignantes em divida

Val quasi no fim o 6.º anno do «Progresso Catholico» e a mór parte das assignaturas estão por pagar. E' tão pequena a quantia que os assignantes nem d'ella se lembram. Não admira; mas admira como nós podemos sustentar esta publicação com tantos assignantes em atraso. Com as subscripções em aberto do 6.º anno, e com algumas do 5.º e de outros annos, que também estão por pagar, temos umas 3:000 assignaturas em divida, e como não somos millionario, uma tal importancia, 1:800:000 réis, faz-nos differença, porque é dinheiro que nós grangeamos á custa de muito trabalho, e que empregamos n'esta publicação, de que não tiramos lucros.

Não se esquecerão, por certo, os assignantes em divida, d'esta nossa exigencia, e satisfazendo a ella, desde já os nossos agradecimentos.

TEIXEIRA DE FREITAS.

Secção Religiosa

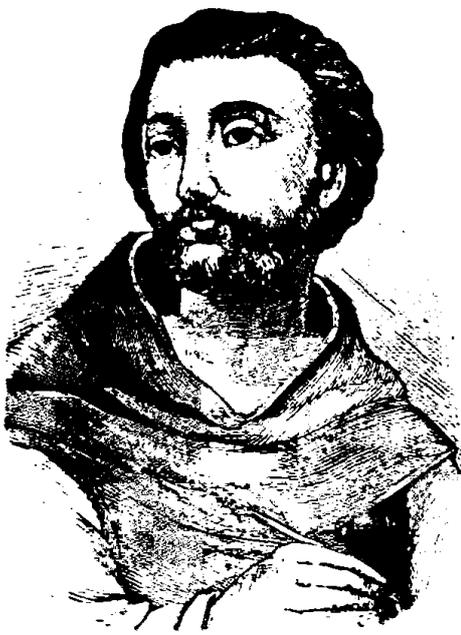
Os principios catholicos perante a razão

O atheismo

Erros da Eschola Jonica.—Origem do scepticismo.—Os atomistas.—Epicuro e a moral

(1) São do author da *Historia Verdadei-*

de Helvecio.—Espinosa e o materialismo.—O pantheismo.—Reflexões.—Não existe o atheismo especulativo.—O atheismo pratico conhecido desde a mais remota antiguidade.



FREI THOMÉ DE JESUS

reduzindo a faculdade de comprehender a uma simples operação dos sentidos: mas como esses philosophos só apreciam a existencia dos seres materiaes pelas qualidades sensiveis, apreciação que pô-

de carecer de exactidão, resultam d'ahi equivoacas transmissões ao entendimento de objectos inexactamente comprehendidos. D'aqui nasceu a duvida universal dos scepticos, que conduz brevemente ao atheismo, ultimo desvario da razão humana.

Contra os delirios da *Eschola Jonica* protestam aquellas sublimes creações do genio, que desde a mais remota antiguidade attestam quanto é difficil traçar o limite até onde alcança a intelligencia humana: e quando lemos a *Iliada* e a *Odyssea*, a *Jerusalem* e o *Paraiso*; quando examinamos as ruinas do Parthenon, as magnificas cathedraes da idade media e as maravilhosas applicações da electricidade e do vapor, poderemos desconhecer dentro do homem essa elevada intelligencia, que transpondo os estreitos limites das sensações, produz tantas bellezas litterarias, invenções tão maravilhosas? E de quem senão do Sér

A LGUNS philosophos gregos professaram certa theoria ácerca do sensualismo, fundada na crença de que só existe um principio material, origem das sensações, da qual estas só podem ser uma transformação. Este systema absurdo encerra as idéas dentro de um circulo tão limitado como incerto,

ra da *Inquisição* os artigos que sob este titulo hoje principiamos a publicar, cuja publicação agradecemos ao notavel escriptor catholico hespanhol.

Supremo póde o homem receber este dom privilegiado?

Leussypo explicava a formação do universo pelo choque de corpusculos indivisiveis, que vagueando no espaço, se combinaram casualmente e produziram os seres da criação com os seus destinos, condições e bellezas. Mas o philosopho inventor de similhante theoria não soube revelar-nos a origem dos seus atomos, que não teriam podido compor um mundo material, sem elles mesmos se-

rem de materia, do que necessariamente se deduz que o utopista grego julgou a materia como increada, ou por não reconhecer tão grave absurdo, omitiu a explicação do fundamento da sua estranha invenção. A nossa intelligencia rejeita as aberrações dos atomistas, que attribuem ao acaso a formação d'esta bellissima e complicada machina do universo governada por leis de admiravel exactidão. Poderão porventura ser casuaes a ordem rigorosa e a harmonia surpreendente com que existem os seres da criação? Cicero combateu o invento de Leussypo em termos que não admittem replica. «Os que acreditaram que o mundo foi casualmente formado não de acreditar sem difficuldade nenhuma que um grande numero de lettras aliradas ao ar possam cair sobre a terra deixando correctamente escritos os annaes de Ennio: eu julgo impossível e nem mesmo creio possível a formação d'um só verso. Se o mundo podesse ter sido creado pelo concurso dos atomos, porque é que não pode fazer-se do mesmo modo um portico, um templo, uma casa, ou uma cidade, que são obras muito mais facteis (1)?»

Acceitando Epicuro a theoria dos atomos, combateu a existencia do Omnipotente fundando-se em razões muito triviaes. O seu paradoxo, conservado por Lactancio (2), é apresentado nos termos seguintes:

«ou Deus quer evitar o mal e não pode,

«ou pode e não quer,

«ou não quer nem pode,

«ou pode e quer;»

quatro supposições das quaes o philosopho deduziu consequências contra a Divindade, e em que nós vemos sómente um jogo de palavras e o sophisma pobre e miseravel debaixo da mascara de apparente brilho. O ponderado raciocinio de Epicuro destroe-se com a hypothese que Empedocles fundou na degradação humana, consequencia d'uma culpa primitiva, e o dogma catholico do *livre arbitrio* veio illustrar completamente a razão allucinada pelo *sensualismo*. Esta eschola corruptora negava a immortalidade da alma, fazendo consistir a felicidade nos prazeres, que ella gradua pela sua duração e intensidade, considerando a prudencia como a virtude mais necessaria para cada um se proporcionar maior numero de gozos e evitar a sua interrupção por causa das penas que hão de castigar o crime. De similhantes principios deduziu o genio mais pobre do seculo XVIII a sua mesquinha *moral utilitaria*! Helvecio applica á moral o systema de Epicuro, sensualismo vil que

occasionou a ruina da antiga Grecia, abateu o poder romano, e haveria destruido a civilisação moderna, se o christianismo, com os seus principios salvadores, não oppozesse um dique ás paixões desordenadas. Os povos illustrados devem a sua cultura ao Evangelho: ai do dia em que esquecendo-se d'esta moral sancta elles se deixem contagiar da venenosa baba do horrivel e destruidor atheismo!

Os erros de Epicuro desapareceram diante da philosophia de Socrates, de Platão e de Aristoteles, ficando o atheismo condemnado pela sciencia até o seculo XVII, que reservava a Bento Espinosa a triste gloria de ensinar o *materalismo* vil e degradante. Este philosopho sustentou na sua Ethica funesta, que só existe uma substancia modificada de modos diferentes, e em todos os sentidos infinita: que pensa no homem, sente nos irracionaes, vegeta nas plantas, e permanece inerte nos seres do reino mineral: pantheismo impio, que divinisa a materia convertendo em Deus todos os entes considerados como simples modificações da sua pretendida substancia universal; que confunde o corpo e o espirito, não se havendo detido diante do monstruoso absurdo de fazer de Deus o supposto de encontrados pensamentos e das viciosas paixões do genero humano; e que incorre de mais a mais no erro gravissimo de combater a mutabilidade da materia em Deus essencialmente immutavel.

(Continúa.)

D. FRANCISCO XAVIER GARCIA RODRIGO.

Secção Scientifica

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

1

O Apostolado do Clero em face do seculo

(Continuado do n.º anterior)

MAS onde a grandeza do sacerdote catholico se mostra, como nunca, assombrosa, e chega deveras a tocar as raias do infinito, é quando esse atomosinho do espaço se encurva sobre a ara do sacrificio incruento, e falla! e, á sua voz, não são novos soes ou novos mundos que se projectam na immensidade dos céos, mas é o Eterno, é o Immenso, é o Grande por essencia, é Deus, emfim, que baixa ás suas mãos indignas!... e quando elle eleva por sobre as multidões silenciosas e prostradas a victima immollada pela salvagação de to-

dos, ao passo que o orgão, por concertos pedidos aos anjos, canta no intimo das almas, melhor ainda do que sob as abobodas do templo, *O salutaris hostia!* e quando a grande familia catholica se acerca d'esse ser unico, verdadeiramente unico, e das suas mãos communga, e como que se encorpora e se identifica a vida divina! Que maravilhas! Que poderosos incentivos, e que fonte basteceadora de perfeição moral para a humanidade? O' sublime obreiro do progresso!... E como é veneranda a dignidade sacerdotal! *O veneranda sacerdotis dignitas!*

Finalmente o momento derradeiro chega para todos. Morreu! eis o termo de toda a historia, o fundo negro de todo o quadro esplendido da vida, o manifesto desconcerto no brilhante concerto do tempo... E quando a hora tremenda chega, e o mais corajoso estremece e se apavora ao fixar os olhos entorvados na sepultura aberta, e na espantosa solidade do finamento, eis que lá se destaca ainda a figura magestosa e serena do Padre, suspendendo das mãos tremulas e crispadas do agonisante a cruz, que fulgura como um raio d'esperança e do conforto no meio das horridas sombras da morte; e a sua voz, que abra o circulo da vida dizendo ao homem no crepusculo do berço—sobe para o infinito sol!—vem agora fechar harmonicamente esse circulo, dizendo-lhe ao mergulhar-se na profunda noite do tumulo—parte e confia! á profunda escuridão que te cerca vae succeder a eterna luz d'esse infinito Sol, que foi o objectivo do teu caminhar e do teu progredir sobre a terra. O' sublime obreiro do progresso!... E como é veneranda a dignidade sacerdotal! *O veneranda sacerdotis dignitas!*

Mas que tenho eu feito, senhores, ou que tentei fazer?

Diz-se que Leonardo de Vinci, tentando colorir a cabeça do Salvador no seu admiravel quadro da Cêa, arremessou para longe a sua palheta inspirada, e deixou apenas ligeiramente esboçado aquelle rosto divino, que as tintas humanas só poderiam desfigurar. Tambem eu, tentando descrever-vos as grandezas e magnificencias do sacerdote catholico, não fiz mais que traçar-vos um ligeiro e incorrectissimo esboço, porque a linguagem humana será sempre pallida e amortecida para retratar um ente, que sabido do nada se perde no mysterioso e incommensuravel, onde se operam as accções divinas.

E no entanto, um seculo, que se diz grande, e que, á puridade, deve reputar-se como tal, só tem despresos, malevolencias e até insultos para essa incontrastavel grandeza do sacerdocio catholico, que por si mesma se impõe ainda á mais infima cainheza de sentimentos.

(1) Lib. II, de nat. Deorum.

(2) De ira Dei, cap. xiii.

Que contradicção!

Grande no seu ideal, nas suas aspirações, nas suas descobertas, e no seu deslumbrante progresso, o seculo desenhava-se a nivelar-se com o lodo, para atirar-o em baldões ás faces venerandas, de quem? do que no mundo não tem grandeza que lhe seja equiparavel.

Que contradicção!

Apaixonado pelos grandes homens até ao delirio, e, não sei se diga, até ao fanatismo, este seculo vae-se á necropole da historia, desperta dos seus juzigos os gigantes d'outras eras, e, exalçando-os ao pedestal das honras publicas, decreta-lhes o culto e a apotheose, ao passo que o sacerdote, o ministro e representante d'Aquella, que, assim como tocou com o seu dedo nas cuspides d'algumas montanhas e as inflammara, tocou na frente d'esses grandes homens e accendeu-lhes no espirito a chamma do genio, o sacerdote só lhe merece a critica mordaz, a diatribe e o motejo atassalhador. Que contradicção!...

Mas não importa: os despresos que lhe votam, a guerra accintosa que lhe movem, a perseguição calculada e systematica que lhe suscitam por toda a parte, não poderão jámais abalar o throno indestructivel, em que o sacerdote domina, como soberano pacifico das almas, e nem sequer ensombram o character glorioso, que o Eterno indelevelmente lhe insculpira na frente, como o não ensombram ainda as miserias, com que o proprio sacerdote se commacula.

Podeis estancar o rio da vida, que percorre, anima e fecunda os dominios do mundo physico? Não. Pois tambem não podereis nunca estancar o rio do christianismo, que percorre, anima e fecunda os dominios do mundo moral. Ambos estes rios procedem d'uma e a mesma fonte, uma e a mesma origem divina; e, conseguintemente, inacessivel á acção destruidora do homem. E, em quanto que o christianismo existir na humanidade, o que será até ao ultimo arrancado dos seculos, ha de existir sempre com elle o Padre, que é a expressão da sua idea, a forma do seu espirito, o orgão da sua vida.

Já lá vão desenove seculos; e esses desenove seculos tem levado de envolta consigo, sumindo-os por uma vez na voragem dos tempos, thronos, poderios, systemas e instituições utilitarias, que promettiam uma duração prolongada, eterna talvez; mas no meio do rugido de todas as tormentas, do fragor de todos os desastres, do pó de todas as ruínas ali está o Padre de pé, sempre de pé, recolhendo na agonia dos imperios a herança do passado, para depositar no berço das civilizações nascentes. Baldos os esforços dos Titans d'esta epoca para annullar-lhe a missão e banil-o, como um estorvo, ou uma inutilidade:

esses esforços são semelhantes aos da onda impotente, que pretende derrihar a estatua colossal, chumbada na roca inabalavel da praia. E, sem embargo, são os esforços d'um seculo poderosissimo, que assenta a sua mão victoriosa nas esferas do céo, nos abysmos do mar, nas regiões do espaço, nas entranhas da terra, nos elementos, e até na furia do raio, que obriga a cahir submisso a seus pés!

Que contradicção!

Tamanho poderio anda p'ra ali, todo afanoso, a hostilisar impotentemente!...

Faz-me lembrar o barbaro, arremessando pedras á pyramide de Cléops, cuidando, em sua simplicidade, que de momento a momento vae gosar-se no espectáculo de a vêr oscillar e cahir. Deus alicerçou no mundo essa pyramide luminosa do sacerdocio catholico para ser fanal e guia da humanidade, que peregrina em demanda d'um mundo melhor, e escreveu-lhe no topo—*Tu es sacerdos in aeternum*: existirás para alem de todos os tempos. E o seculo defronta-se ameaçador deante d'essa pyramide inconcussa, arroja contra ella todo o seu immenso poderio, e desacredita-o, ridiculisa-o, fazendo d'elle a debil pedra, com que intenta derrihar o immovel, o indestructivel, o eterno—*Tu es sacerdos in aeternum*. Que contradicção! Não digo bem; eu ia a dizer, que contraste tão irrisorio! Mas não, não direi, para não empregar uma linguagem que destôa da gravidade do lugar que occupa.

Pedirei antes perdão para este seculo, e para vós, ó cegos de tanta luz, que desacataes a grandeza e augusta venerabilidade do sacerdote, porque a não comprehendéis, e não vos confundis porque não vêdes que o sorriso de commiseração com que elle dignamente vos responde, e passa além, é o sorriso do immortal, que vos deixa supplantados, porque vae dizendo consigo mesmo: Infelizes! podeis deprimir e insultar o homem; mas a idéa, a dignidade, a instituição fica illesa, sobranceira e triumphante.

Sim, divino Crucificado! perdoae aos que avexam e opprimem o vosso sacerdote, o vosso emissario, o vosso cooperador, destinado a perpetuar a obra grandiosa da vossa Redempção em todas as edades; aquelle que marca com o selo dos vossos escolhidos a frente candelosa do recém-nado, e chama para junto do seu berço infantil o bello anjo dos primeiros sonhos; o que tem em suas mãos a chave d'ouro, temperada no vosso sangue, que abre as portas do céo, aferrolha as dos abysmos, e patenteia ás almas contritas o seio benefico de Deus; o que bem diz e sanctifica a familia, e na hora extrema consola a despedida do mundo com esperanças da im-

mortalidade! Oh! perdoae aos que o avexam, opprimem e perseguem, porque o desconhecem: e desça, Senhor amantissimo, desça sobre elles, do alto d'essa cruz, como descera sobre os que n'ella vos affixaram ingratos e cruelissimos, porque tambem vos desconheciam, desça o pregão da vossa infinita misericordia!

(Continúa).

Secção Historica

VERONICA

I

QUASI ninguem haverá que não tenha ouvido fallar em *Veronica*, mas serão mui poucos os que verdadeiramente comprehendam o que isto significa, e ainda em menor numero os que possam determinar-se a este respeito.

Trata-se d'uma piedosa tradição acerca d'um facto curioso e tocante que succedeu durante a via dolorosa do Salvador para o monte Golgotha onde foi crucificado.

Veronica é aquella santa e corajosa mulher que, vendo o deploravel estado em que caminhava o Filho de Deus, rompeu por entre as turbas, sem temer os algozes, para alimpar-lhe o divino rosto, coberto de sangue e de pó.

Foi grandiosa e sublime a recompensa d'este acto de heroismo e dedicação: Jesus deixou-lhe impresso na toalha seu divino retrato como em signal de agradecimento.

E' isto o que vulgarmente se chama o *Santo Sulario*.

Eis o facto tradicional que vamos discutir á luz da razão, segundo as regras da mais sã e illustrada critica.

Bem sabemos que grande numero de historiadores, principalmente modernos, demasiadamente *escrupulosos*, deixem-nos assim fallar, não admittem este facto. Não encontrando elles outra alguma prova da sua existencia mais que a vulgar tradição, que lhes parece insufficiente, dão o nome de *Veronica* a uma representação da face do Salvador, estampada em um lenço, a qual se guarda em Roma, na igreja de S. Pedro; e derivam este termo das duas palavras—*vera icon*—que querem dizer—*verdadeira imagem*.

Verdadeira imagem do Salvador, dizem os alludidos historiadores, no sentido de que representa fielmente a sua divina Face, mas não que seja a propria estampada na toalha com que a piedosa Veronica alimpou o Rosto do Martyr do Golgotha.

Assim pretendem elles que Veronica é toda e qualquer imagem do divino Rosto

do Senhor, e não a mulher que lhe saiu ao encontro na rua da Amargura, cuja existência consideram fabulosa.

Nós, porem, apoiados na tradição universal e constante, sustentaremos a realidade do facto, e mostraremos a inconsistência dos argumentos que produzem os auctores contrarios.

Antes de tudo devemos dizer que o facto nada tem de impossivel: elle em si mesmo é muito verosimil.

Com effeito, que ao encontro do Homem-Deus, no seu caminho para o Calvario, saísse uma piedosa mulher e lhe alimpasse o Rosto, ficando este impresso no pannu, é uma cousa admissivel, e que nenhuma difficuldade pôde offerecer, sendo como é attestado pela tradição.

Para destruir este testemunho universal e sempre uniforme dos seculos christãos, os adversarios não adduzem nem algumas provas plausiveis.

Primeiramente, o silencio dos escriptores sagrados a este respeito não depõe contra a sua authenticidade, porque é certo que no Evangelho apenas se contem uma minima parte dos factos relativos à vida, paixão e morte do Redemptor.

O Evangelista S. João declara expressamente que ha outros muitos prodigios, operados por Jesus, que não estão consignados nos livros santos; porque, para os escrever minuciosamente, não poderia o mundo conter taes livros.

Sendo isto assim, não poderemos saber d'esses factos por outra via que não seja a Escripura Sagrada? Sem duvida; essa via é a tradição, que depois passou a ser escripta.

Ora, ha mesmo pontos essenciaes, dos quaes nenhuma menção se faz nos livros do Novo Testamento; tal é, por exemplo, a substituição do domingo ao sabado, que, todavia, é de instituição apostolica.

N'este caso, porem, como em outros muitos, a tradição supprime ao silencio da Escripura Sagrada.

Em segundo lugar, não vale o dizer que a tradição sobre a historia de Veronica só consta de certos livros apocryphos cuja authenticidade a Igreja não reconhece.

Não ha duvida que ha muitos livros apocryphos que relatam certos factos particulares, sobre a vida e milagres de Jesus Christo, que se não lêem no Evangelho. E esses livros serviram de base a um grande numero de tradições evangelicas que se espalharam no Oriente e no Occidente.

Comprehende-se isto muito bem. Segundo o historiador Eusebio, de todas as partes do mundo corriam as multidões à Palestina, a verem o Filho de Deus e a implorar-lhe favores. Presencendo os seus milagres, era muito natural que publicassem promenores da sua vida.

Eis a origem d'esses livros que a Igreja sabia e prudentemente excluiu do seu canon.

Comtudo, deve-se notar que a Igreja, declarando taes livros apocryphos, não quiz accusal-os de conterem falsidades. Chamam-se apocryphos, porque não são de auctores conhecidos, cuja narração possa equiparar-se à dos auctores canonicos.

Se esses livros referem particularidades da vida de Jesus Christo, da Santissima Virgem e dos apóstolos, e essas particularidades nada tem de pueril, nem de inverosimil, nem de contrario à fé, constituem uma tradição de segunda ordem, que não é condemnada nem condemnavel.

Estes principios, que ficam assentados a respeito da veracidade dos chamados livros apocryphos, confirmam-se com a auctoridade dos Papas Gregorio II e Adriano I, e do doutissimo cardeal Baronio.

Em consequencia d'isto, o não vir na Escripura Sagrada o facto de Veronica, e só constar de livros apocryphos, não demonstra que tal facto seja falso, sobretudo sendo transmittido por tradição desde os principios da Igreja.

Não é uma mera tradição vulgar, acreditada por pessoas ignorantes; é uma tradição constante de seculos, invariavel, notoria em Jerusalem, sobre a qual pôde julgar imparcialmente a critica piedosa e desinteressada.

Todos ou quasi todos os que vão em peregrinação à Terra Santa referem o facto de Veronica, tradicional no Oriente.

Eis o que escreve um religioso franciscano portuguez que em 1816 visitou os Logares Santos.

Depois de descrever o logar onde Simão de Cyrene ajudou o Salvador a conduzir a Cruz até o alto do Golgotha, diz:

«Mais adiante, do lado esquerdo, se vê um logar que hoje serve de forno, onde, dizem, era a casa da Veronica, aquella mulher compassiva que, vendo o Salvador coberto de suor e sangue, se chegou a elle, e com um lenço limpou o seu Rosto Sagrado; caridade que o Salvador retribuiu, deixando estampado no mesmo lenço o seu retrato.

«Esta é a tradição que tenho encontrado tanto em Jerusalem, como em todos os paizes catholicos.»

(Continua.)

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Socção Critica

COISAS! COISAS!

O *Porto Liberal* é um diario que, como do seu titulo se deprehe, vê a luz da publicidade na cidade da Virgem. Não é republicano nem absolu-

lista, porque diz elle em seu n.º 17: *nem uns nem outros caminham—porque ambos utrophium a causa que desejam fazer vingar.* E' por tanto liberal na pura accepção da palavra, e por tanto atheu, blasphemo, porque não reconhece Jesus Christo como Deus, apesar de O proclamar bem alto, por estas palavras bombasticas: — *Christo, aquelle grande sabio revolucionario que transmutou a politica e a religião do mundo.* Christo, continua o liberal, *na sua rudeza de demagogo etc.* E mais adiante: — *Oh! Christo! oh! Sabio! oh! propheta!*

O que o homem não vê em nosso Senhor Jesus Christo é um Deus, e é por isso que elle todo enfatuado brada: — *Vós ambos (absolutistas e republicanos) professaes as doutrinas do Sabio, (Jesus Christo) e nenhum de vós as cumpre e as entende!*

E, para em tudo ser um liberal das pontinhas, o *Porto Liberal* é inimigo da Companhia de Jesus, d'essa *phalange de heroes*, como lhe chama o Snr. Pinheiro Chagas, ministro da marinha.

Christo!, diz o jornaleco liberal, *um aventureiro hespanhol, à sombra do teu nome, fundou a congregação jesuitica! Tudo se tem praticado a tua sombra! A villania e o fanatismo!*

Aqui tem os nossos leitores o que é o *Porto Liberal*; não quer ser republicano nem absolutista, mas quer ser pura e simplesmente liberal, isto é, não acredita na divindade de Jesus Christo, não quer Jesuitas, não quer por consequencia frades, irmãs da caridade, padres, igrejas. Papa, etc. etc. Quer um rei liberal, com um manto assás amplo para à sombra d'elle se praticar tudo quanto pode desgraçar um povo, e é n'isto que diverge dos republicanos, porque em religião são todos irm.º pela geringonça.

Desejavamos conhecer os redactores do liberal papel, mas não nos é dado uma tal honra; contentamo-nos em saber a officina onde é impresso, e essa mesma novidade damos aos nossos leitores. E' feito o *Porto Liberal* na *Typographia de Fraga Lamares, 38—rua de S. Miguel—40, Porto.*

Este Snr. Fraga Lamares é o mesmo a quem devem ser feitos todos os pedidos relativos ao periodico portuense *A Voz do Christão*, publicação que tem a redacção e administração na rua de S. Miguel n.º 38—Porto, na mesma casa onde se imprime o dito liberal pasquim.

Se este Snr. Lamares merece alguma censura pela impressão do *Porto Liberal*, essa censura deve *desapparecer* por que os mesmos typos fazem a *Voz do Christão*. Fica uma cousa pela outra!

O grande tribuno republicano de Hespanha, Emilio Castellar, em um discurso

que pronunciou ha dias no parlamento hespanhol, disse cousas muito lindas, como só as sabe dizer o mavioso orador, e entre as muitas lindas cousas que disse, ha uma passagem que o *Progreso Catholico* não pôde esquecer e que deve, por isso, archivar em suas paginas. Disse Castellar:

«Eu, que não sou mação nem jesuita, não posso deixar de deplorar a influencia do jesuitismo na Hespanha, ao qual nunca perdoarei a parte que teve na perda de Portugal para Hespanha, convertendo aquelle recanto da península em para-raios contra a civilisação universal.»

Sempre é bem certo o que se diz:—*cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso*. Em Hespanha os liberaes dizem que os Jesuitas concorreram para tirar Portugal das garras dos leões de Castella; aqui, perto mesmo de Hespanha, a dois passos, passando o Caia ou o Minho, já se diz o contrario:—que por influencias dos Jesuitas se fizera a união ibérica! E apesar de ser doutrina corrente entre os coripeus do liberalismo portuguez, que os Jesuitas foram os que causaram o cataclismo de Alacer-Kibir, e que nos entregaram a Hespanha, o liberal *Primeiro de Janeiro*, julgando que a patranha liberalissima geringonzeira, não estaria radicalmente imbutida no cerebro de todos os *patriotas*, acudiu logo a desmentir as palavras de Castellar, botando a seguinte falla:

«Aqui, d'este lado da raia, não se comprehende bem a parte que o Jesuitismo teve na restauração da independencia portugueza; comprehende-se, sim, e de sobra, a que tivera na perda d'ella....»

Este *Primeiro de Janeiro* bem mostra que não é dos mestraços na irm., porque se o fôra calava-se, e deixava fallar o tribuno de Hespanha. Porque isto em cada paiz tem a seita o seu cavallo de batalha contra os Jesuitas. Em Hespanha é necessario dizer-se que foram elles que fizeram a restauração de Portugal, e aqui, como o povo é amante da sua independencia, diz-se-lhe que foram os Jesuitas que nos entregaram a Hespanha. Mas o *Primeiro de Janeiro* é tão pequeno na irm., que nem sabe que quem manda dizer em Portugal que os Jesuitas nos entregaram a Hespanha, é quem manda em Hespanha dizer que foram os Jesuitas que nos libertaram do jugo d'aquella nação. E ainda que Castellar nos diz que não é mação, no odio aos Jesuitas obedece a uma ordem da maçonaria, pois que é esta seita quem manda o jornalismo liberal de todos os paizes, jornalismo tão despido de honra e dignidade, que se não peja de dizer aqui o contrario do que se diz em Hespanha para atacar os Jesuitas.

Se o liberalismo não estivesse de ha muito desmascarado, com a publicação

da notavel obra *O Liberalismo Desmascarado*, publicação feita em Guimarães ha poucos annos, este facto que deixamos apontado era bastante para o desmascarar bem.

Farçantes!

Não esqueceu aos liberaes portuenses a data para Portugal tão nefasta de 9 de julho, e porque não lhes esqueceu a festejaram como poderam. Fazia parte do programma uma sessão solemne no salão Euterpe, e, para não mutilar o programma, realisou-se essa solemne sessão.

Lá estavam os liberaes e entre elles, porque não podia faltar, estava tambem o Sr. Padre Francisco José Patricio. O Rev.º liberal, segundo conta o *Primeiro de Janeiro* «disse que usava da palavra por se ter feito referencias á sua pessoa. Notou que era vergonhoso para o paiz o estado a que se acham reduzidos os ultimos lutadores do exercito libertador.

«Disse que a liberdade não se sustenta com as manifestações festivas, mas com a propaganda e com o respeito da instrucção pelos que a implantaram.

«Elogiou o sr. Rato pelo seu brilhante discurso; disse que Portugal deve ao seu proprio exorço todas as conquistas da civilisação, e que a revolução de 1820 foi a aurora da liberdade. Referindo-se ás violencias da alçada afirmou que o sangue pôde deluir tronos, não conseguindo, porém, derrubar ideias e terminou dizendo que estava sempre ao lado da Associação Liberal, quando se tratasse de melhorar a sorte dos veteranos da liberdade, ou de commemorar datas gloriosas, mas que não a podia acompanhar na propaganda de outras ideias.»

Temos, pois, o Sr. Padre Patricio a confessar que a Associação Liberal propaga ideias, que elle, não pode ajudar a propagar, e estas ideias não podem ser senão contrarias á religião, de que o Sr. Padre Patricio é ministro, pois que em politica está de certo S. Rev.º em perfeita harmonia com a dita liberal associação.

Mas, se a *Associação Liberal* propaga doutrinas que um padre catholico não pode ajudar a propagar, para que está o padre mettido n'essa associação?

Que tem o padre com os veteranos da liberdade, com a commemoração de datas gloriosas, com a revolução de 1820? Não tem o Sr. Padre Patricio, e todos os padres que mesmo não sejam patricios, tantas associações onde possam filiar-se? Não ha ahí a conferencia de S. Vicente de Paulo, onde o padre pode condoer-se do estado dos pobresinhos liberaes ou não? Não pode unir-se a esses 17000 portuguezes que pedem o restabelecimento das Ordens Religiosas, o rasgo mais saliente que um povo pode mostrar do seu amor pela liberdade? Não

tem tanta cousa em que empregar a sua actividade, a sua boa vontade, o seu amor pelas glorias da patria? Que necessidade tem o padre de estar com a Associação Liberal?

Sempre é bom dizer aos nossos leitores que no dia 29 de junho se fizeram eleições de deputados. Como a nova camara tem de reformar a carta, *El-Rei nosso Senhor*, D. Antonio de Fontes mandou que a maioria fosse da sua parcialidade, para que o absolutismo despotico, que ha meia seculo peza sobre Portugal continuasse, e tambem para que a Carta fosse reformada a tiro, como a mesma foi feita.

Os bonecos, que nos diversos pontos do paiz, dançam á vontade de *El-Rei nosso Senhor*, fizeram por cumprir as ordens recebidas, e em muitas partes do reino o saugue portuguez tingiu a terra. Mas que importa o sangue derramado, as creanças sem Pae, a Patria sem alguns cidadãos, se o governo venceu as eleições?

O que admira, o que faz pasmir em meio da corrupção medonha que ahí campeia é a volação grandiosa que tiveram os candidatos catholicos, sem haver organisação de partido, sem haver pedidos.

E não se admire alguém de nós dizermos deputados catholicos, porque toda a imprensa designou claramente os campos a que os deputados propostos pertencem, republicanos, regeneradores, progressistas, constituintes e catholicos. E apesar de haver em algum dos partidos deputados propostos pertencentes á cle-rezia, nem por isso lhe chamavam catholicos; este nome dava-se só aos que se apresentavam como laes.

E si quem sabendo todos os nossos leitores: quem votou em deputados que se não apresentaram como catholicos, foi de encontro aos principios catholicos e aos interesses da Patria. Deputado filiado em qualquer partido politico, hostil á Igreja, não é catholico, embora seja padre.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Parlamentar

Discurso de S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo da Guarda em sessão de 29 de março.

(Continuado de pag. 164)

SABE-SE muito bem que Bombaim foi cedida por nós á Inglaterra em dote de D. Catharina.

N'esse tempo era uma terra insignificante, mas hoje é uma das cidades mais importantes do mundo.

Tem 800:000 almas, duas linhas ferreas que a atravessam, e todo o Indus-

tão, tem emfim todos os melhoramentos modernos, universidades, collegios, eschololas, templos, hospitaes, asylas e tribunaes.

Como v. ex.ª sabe, a religião official ingleza é na actualidade a anglicana. A Inglaterra foi até certo tempo intolerante, muito intolerante, mas hoje não o é, e uma prova d'isto é que o logar de mais confiança e o emprego mais importante que a Inglaterra tem nas suas colonias, o de vice-rei da India, foi confiado e é desempenhado por um catholico, lord Ripou.

Quer v. ex.ª saber (é um modo de dizer, porque v. ex.ª sabe-o melhor do que eu) como a Inglaterra procede no Indústão com respeito à religião?

A base da sua politica é a tolerancia, tolerancia a mais completa.

A Inglaterra, nas Indias orientaes, não tem religião official, tolera todos os cultos. E desde o momento em que ella abandonasse esse systema de conducta, tornando-se suspeita dos povos, era-lhe impossível sustentar-se na India.

Tive occasião de tratar com empregados altamente collocados, que me disseram que esta nação não fazia propaganda da sua religião official, e que não subsidiava e enviava missionarios d'ella; que isso pertencia às associações particulares, especialmente às sociedades biblicas; que alguns ministros anglicanos eram mandados pelo governo para presidir aos actos do culto dos empregados do estado, e tiveram a franqueza de me dizer que a unica religião que ali fazia importantes progressos era a catholica.

Eu cito simplesmente um facto.

Como já disse, temos, alem do arcebisado de Goa, em territorio portuguez, os vicariatos do norte dos Gates, do Canara, de Cochim, Cranganor, Ceylão, Malaca, Meliapor e Bengala.

A congrua dos missionarios do vicariato do norte, em subsidios do governo, monta a 80:000 rupias; o governo inglez contribue com dois terços, e o portuguez com um terço approximadamente!

O governo inglez funda igrejas, subsidia largamente os vigarios apostolicos e os capellães militares; as companhias dos caminhos de ferro subsidiadas pelo estado, e as particulares, concedem passagem gratuita aos missionarios, facilitam a correspondencia das auctoridades com os administrados, isto em referencia à religião.

Com respeito à instrucção, a nenhuma nação pôde ser indifferente este assumpto. A Inglaterra creou escolas nas colonias, e protege e auxilia outras de iniciativa particular; e como entende que não pôde haver a verdadeira instrucção sem boa inspecção, tem os seus agentes, que vão inspecionar as escolas em toda a parte. Os premios e os

subsidios são concedidos em attenção à categoria das escolas e aproveitamento dos alumnos, em attenção, emfim, aos resultados praticos.

Isto nao acontece somente em Singapura.

Temos felizmente escolas em Bombaim, Matim, Bandora, Calcutta, Melapor, Tullurim, Singapura, que o governo inglez inspeciona, protege e premeia, mandando publicar os resultados nos seus jornaes officiaes. Ha em Bombaim uma universidade, e exigem-se certas habilitações para frequentar os seus estudos, e uma d'essas habilitações é que o individuo seja perito na lingua ingleza, na sua propria, e em uma outra, sendo uma d'ellas a portugueza, para o que ha um jury composto de vogaes da nossa colonia, ali estabelecidos, que os ha distinctissimos, e premios para os examinados que se distinguem.

O reverendo Sant'Anna da Cunha assevera que a sua escola (parece pretender que ella pertence mais a elle do que a nossa missao) foi sustentada exclusivamente à sua custa. Mas sendo a sua congrua, como coadjutor, insignificantissima, como podia elle occorrer as despesas com mestras europeas, ajudantes, casa, utensilios e mais cousas necessarias a escola? Julga-se indispensavel para a existencia da escola, mas na sua ausencia a escola continuou, e creio que continua a prosperar. Agora devo dizer duas palavras a respeito da syndicancia. Eu entendia que a syndicancia aos actos d'este ecclesiastico era precisa, e a mandaria fazer, não para saber se o devia mandar recolher a Goa, mas para saber o procedimento ulterior, que para com elle devia adoptar. Não a pude fazer, porque fui dispensado de servir as missões do Oriente, tive de regressar ao reino.

Mas não podendo eu fazer a syndicancia nem mandal-a fazer, deixei na secretaria do arcebisado de Goa todos os documentos favoraveis e desfavoraveis, todas as representações que recebi a respeito dos actos do mesmo ecclesiastico.

Deixei dito ao meu delegado que logo que chegasse o snr. Arcebispo de Goa, chamasse a attenção de s. ex.ª para este assumpto, deixei mesmo, entre outras, esta indicação por escripto, e indiquei o modo pratico de fazer a syndicancia; o coadjutor do snr. arcebispo, de confiança e insuspeito, na sua passagem em Singapura de Macau para Goa, podia ser encarregado d'ella. Não sei se a fez, se não; e aqui começa a responsabilidade do arcebispo; pois eu entendo que as administrações e auctoridades têm obrigação de reparar, podendo, as injustiças que as anteriores porventura tenham commettido, sob pena de se tornarem cúmplices e responsaveis por essas injustiças.

Recolhido a Goa, pareceu este ecclesiastico conformar-se com as rasões que lhe expuz (costumo dar aos meus subordinados os motivos do procedimento que tenho para com elles), mas depois levando esta questão para a imprensa, e dizendo o que não devia, ouviu o que não queria, fizeram-se-lhe accusações graves, cuja veracidade não pude verificar, mas que não foram destruidas, aggravando-se assim a sua situação, pois o que era particular se tornou do dominio publico. Apareceu-me em Bombaim, instando pela sua restituição a Singapura, apresentou-se ao arcebispo para o mesmo fim, e não o podendo conseguir, veio para Lisboa, creio que em condições desfavoraveis, por não trazer seus papeis em ordem.

Propalou que assim procedi por pressões exercidas sobre mim pelo governo da metropole, pelas auctoridades de Goa, pela *Propaganda Fide*, pelo vigario apostolico, que superintende nas missões de Singapura, pelo snr. bispo de Macau, e não sem por quem mais.

Mas a verdade é que ninguem me fallou n'este negocio, senão as nossas auctoridades de Singapura, que ninguem ousou fazer-me pressão, nem eu a aceitar. As palavras favoraveis proferidas por occasião da apresentação do requerimento do reverendo Sant'Anna da Cunha fazem honra aos illustres deputados, pois revelam sentimentos nobres e corações sempre abertos a qualquer queixa, fundada ou infundada; mas a verdadeira generosidade não exclue a justiça, e esta pede que se ouça o accusado.

Audi et alteram partem.

A insistencia d'este ecclesiastico cada vez me convence mais da inconveniencia de o mandar de novo para Singapura.

O snr. deputado Luciano Cordeiro attribue a supposta injustiça, de que se trata, à anarchia e desorganização dos serviços das missões na Africa e na Asia.

Estou de perfeito accordo; provei-o com diferentes documentos citados por s. ex.ª, e é confessado n'um decreto publicado em 1880, em que se procurou organizar e melhorar a situação das nossas missões, a doutrina, dando-se por motivo d'isso a decadencia d'ellas.

Melhor organizados os serviços das missões da Asia, mais facilmente poderia o superior ter conhecimento do que se passasse, e providenciar convenientemente, mas nunca poderia ser privado da faculdade de mandar os missionarios servir onde lhe pareça mais conveniente.

O individuo e a auctoridade julgam-se justos, em quanto se não provar o contrario. Servi por onze annos o ultramar, Angola e a India.

(Continúa).

Secção Artistica

A exposição industrial de Guimarães

II

PROMETTERAMOS continuar e eis-nos a satisfazer o que prometteramos. Não dispomos de muito tempo, do tempo bastante para tratar de uma exposição que honra sobremodo os industriaes de Guimarães, mas o pouco tempo que nos resta, depois dos muitos trabalhos que nos pesam, queremos empregal-o no serviço dos nossos patricios trabalhadores.

As grandes industrias de Guimarães, as que de longe lhe crearam renome, e que fizeram a sua prosperidade, são poucas — apenas trez; mas essas ennobrecem assaz a terra que as possui, dão gloria áquelles que n'ellas se empregam. Designemol-as em primeiro lugar, e orgulhem-nos em ser filhos de uma povoação, que atravez muitos seculos, e apezar das grandes catastrophes que teem travado o seu progresso, conserva ainda as mesmas industrias, mais aperfeiçoadas, quasi a rivalisar com eguaes producções do estrangeiro, e sem um esforço unico, sem um impulso dado pelos governos que dominam em Portugal em nome do progresso, nada fazendo em bem das industrias locais, antes, pelo contrario, preparando-lhe a morte, pela protecção concedida ás manufacturas estrangeiras.

Couros, cutilaria e pannos de linho, são as principaes industrias vimaranenses.

Couros. Está dignamente representada a exposição, com os productos de dezoito fabricantes do concelho, destacando-se d'entre todos os que apresentam, na entrada do palacio os Snrs. Mattos Chaves e Almeida & Irmão. Esta industria que sustenta mais de 300 pessoas tem um capital circulante do valor de 600 con-

tos. Uma riqueza, para uma terra de provincia.

Cutilaria. Está esplendidamente representada esta industria, que tem causado a admiração dos visitantes de fora da terra e mesmo de fora do reino. Os principaes expositores são os Snrs. Cunha & C.ª e Augusto Mendes da Cunha, havendo alem d'estes mais sete expositores.

Pannos de linho. Não terá hoje esta industria vimaranense a importancia que tivera em epocas passadas, quando se-

ductores, assim como o Sr. Joaquim Maria d'Oliveira Costa.

Em bordados a branco, a côres, a ouro, etc., etc., ha muita variedade de trabalhos, ainda que nem todos sejam primorosos e mui raros os que se podem dizer bem feitos. Um critico portuense, e que nos dizemos pessoa competente, não achou nada digno de menção; mas se se attender bem, se com vagar se observarem todos os trabalhos ha de confessar-se que alguns merecem os applausos das pessoas entendidas na materia e se-

ria até uma barbaridade se nós aqui não notassemos os bordados das Senhoras Freitas Costa, e de algumas alumnas da escola que dirigem as Irmãs Hospitaleiras no asylo de Mendicidade. Estes se não são tão primorosamente feitos como aquelles, mostram bem o aperfeiçoamento a que sabem levar as alumnas as mestras religiosas.

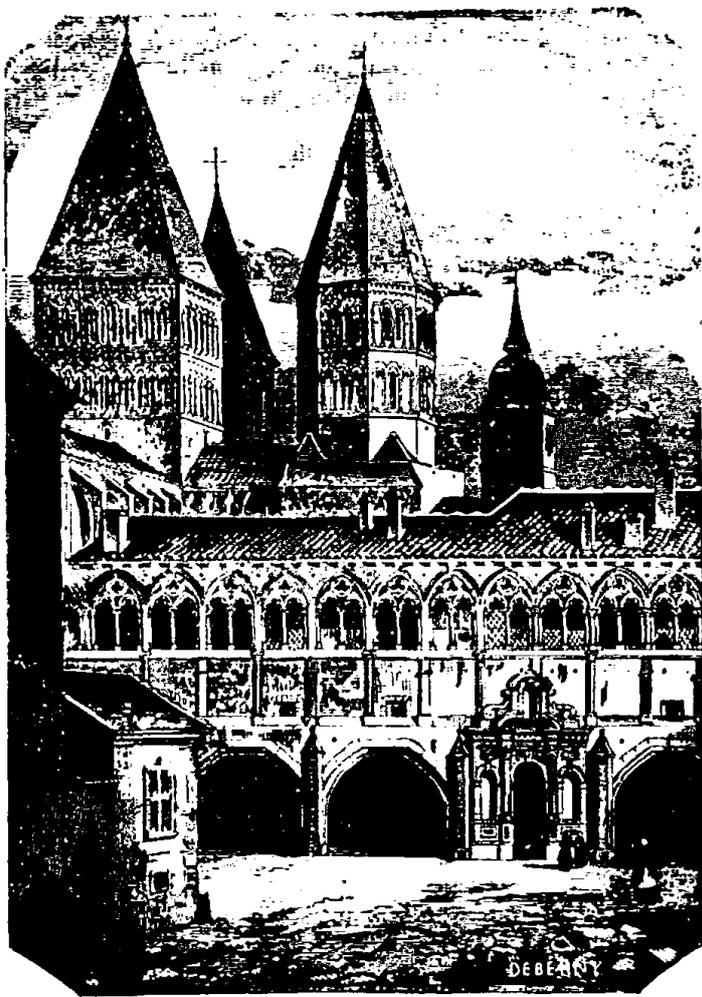
Em flores artificiaes é rica tambem a exposição, e sem querermos roubar a nenhuma das expositoras a gloria que lhes cabe, diremos que os principaes trabalhos são feitos pelas Irmãs Hospitaleiras, em serviço em varias casas de caridade d'esta cidade, e pela exc.^{ma} snr.^a D. Maria de Bellem Ferreira d'Abreu.

Em todas as mais industrias ha muito que admirar, e affoitamente se pôde dizer que Guimarães é uma das terras mais industriaes do paiz; sem aperfeiçoamentos, é verdade, em suas officinas, mas isso mesmo mostra a

não fallava tanto em progresso e protecção ás artes, como agora se faz, mas em que os governos e os grandes do reino tinham por brazão de alta nobreza anular as artes, fazer a prosperidade do seu paiz; ainda assim este ramo de industria está bem representado e mostra ainda o quanto podia prosperar e fazer a riqueza d'esta terra se os governos soubessem de industrias fabris tanto como sabem de industrias *esfolladoras* taes como empréstimos e ruinosas contribuições. O Sr. Antonio da Costa Guimarães, F.^o & C.^o são os principaes pro-

boa vontade e o amor que esta gente tem pelo trabalho, unica riqueza de um povo. E é o trabalho que ha-de sustentar em sua grandeza esta terra, porque infelizmente não tem governos que cu-rem de suas necessidades, nem tem influencias politicas que obriguem os governos a curar d'ellas.

Guimarães, collocada em outra posição, bem diferente do que aquella em que se tem conservado, oppondo-se sempre, por modos legaes, aos desejos dos governos, no que diz respeito a eleições, teria sido mais bem tratado, obte-



A ABBADIA DE CLUNY, EM FRANÇA

ria mais prompto deferimento ás suas reclamações. Porque um povo que trabalha, um povo que se apresenta n'uma exposição concelha como nós acabamos de o vêr, pôde ter iniciativa propria, pôde representar-se em côrtes por quem saiba as suas necessidades, por quem saiba que o povo de Guimarães se distingue admiravelmente por duas cousas que se harmonisam perfeitamente — o trabalho e a religião.

O povo de Guimarães deve, pois, escolher sempre para seu representante um homem amigo da classe trabalhadora, e sobretudo um bom catholico, porque é a religião e ao trabalho que Guimarães deve toda a sua grandeza e prosperidade. E um deputado catholico ha-de sempre attender ás necessidades dos que trabalham, antes que aos caprichos dos que gozam. Fará construir uma estrada ou uma rua primeiramente por junto da officina do industrial, do que por junto do palacio do monetario; porque este só a quererá para gozar mais commodamente, enquanto que o industrial a quererá para mais facilmente transportar os productos do seu fabrico. E a carroça da fabrica, cruzando as cidades, carregada com productos fabricis, prova mais a prosperidade de uma povoação, a riqueza de um povo, que a carruagem elegante, conduzindo seus senhores para bailes ou theatros.

Por isso mostrem-se dignos de si os industriaes vimaranenses, que a prosperidade do commercio, a riqueza da nossa terra, não se fará esperar.

Religião e trabalho seja o vosso lema, e o ceu vos recompensará o amor com que cultivares uma e outra cousa.

J. DE FREITAS.

Secção Illustrada

I

Frei Thomé de Jesus

Est-nos diante da figura veneranda de um frade! Curvemos a fronte diante d'esse humilde filho do claustro, que é hoje ainda, passados trez seculos o mestre dos nossos litteratos, porque as suas obras estão enfileiradas entre as dos mais notaveis classicos portuguezes.

Frei Thomé de Jesus nasceu em 1529, e foi filho de Fernando Alvares d'Andrade, pertencente á alta nobreza d'estes reinos. Apesar de ligado com os mais distinctos fidalgos, entre os quaes contava o Conde de Linhares, que casara com sua irmã, eifrou por vocação na Ordem dos Agostinhos. Acompanhou D. Sebastião a Africa e foi dos que mais serviços prestara cuidando dos feridos e acudindo-lhe com os socorros da Reli-

gião. Em Alcacer-Kibir, não lhe sendo dado empunhar uma espada, arvorou um crucifixo e assim andava entre o exercito christão animando os soldados, quando uma lança mourisca o prostrou ferido, e o fez prisioneiro.

Comprado por um marabuto, que, tentando convertel-o á sua seita, e não conseguindo, o encerrou em escuras masmorra, onde o atormentava com açoites e maus tratos. Foi n'este carcere, e á luz coada pelas estreitas grades que o nosso frade escreveu o mais notavel dos seus livros, *Os Trabalhos de Jesus*, que é um primor de linguagem, impregnado de perfumes mysticos, deixando antever muito dos suaves escriptos de Santa Thereza de Jesus. Este livro está traduzido em todas as linguas cultas, e ha em francez e italiano immensas edições.

Por instancias da Hespanha foi trasladado para os carcerees de Marrocos, e ali passou o resto de seus dias confortando os christãos seus companheiros de infortunio, regeitando ser resgatado, para que os seus serviços não faltassem aos seus irmãos, e assim morreu a 17 de abril de 1582, merecendo as lagrimas de todos os christãos e mouros que o conheciam, porque todos sabiam admirar a caridade do pobre agostiniano.

Frei Thomé de Jesus é uma das glorias litterarias do seu tempo e é mesmamente uma prova de que os conventos eram emporios de santidade, não só, mas tambem de sciencia, e que era dos conventos que sabiam os grandes mestres, os que ainda hoje são mestres dos sabios do seculo XIX, e que só o não são dos que se chamam sabios unicamente, por serem socios da Real Academia das Sciencias de Lisboa, e que só por isso se julgam desobrigados de confessar a superioridade dos frades sobre elles que nada sabem, se não a sciencia da moda — maldizer os frades. Mas os frades voltarão e vós, sabios-ignorantes, sereis supplantados pelo filho do claustro.

II

A Abbadia de Cluny

No departamento do Saone e Loire, em França, encontra-se a pequena cidade de Cluny, com uma população de pouco mais de quatro mil habitantes, cidade notavel pelo grande numero de casas antigas, e notabilissima pela antiquissima e celebre abbadia, cabeça da Ordem benedictina. Deve-se esta fundação ao duque de Aquitania, Guilherme o Pio, que pelos annos de 909 lhe deu principio, e em 1088, se construiu a famosa bazilica, que era uma das mais ricas da antiguidade, um dos mais venerandos monumentos dos tempos medievaes.

Os abbades de Cluny eram poderosos,

e estendiam a sua jurisdição a mais de dez mil monges; tal era a grandeza e a importancia do mosteiro benedictino de Cluny. Sob essas abobadas crearam-se os grandes homens que illustraram o mundo com seu saber e que o edificaram com suas virtudes. Pedro o Veneravel, e ali viveu tambem, como Prior, dignidade immediata á de Abbade, Hildebrando, que depois foi Papa com o nome de Gregorio VII, e que por suas virtudes, por seus vastissimos conhecimentos adquiridos entre os monges de Cluny, chegou a ser o grande pontifice que arrostou com o poder dos principes e que deu á Igreja a paz de que ha muito carecia.

Alem de S. Gregorio VII abrigaram-se á sombra de Cluny S. Leão IX e a morte parte dos grandes homens da Igreja d'essa epoca, que iam ali aprender a ser grandes pela virtude e pelo saber, ali n'aquelle *jardim de delicias, que produziu toda a casta de lirios e rosas, campo do Senhor coberto de fructos, montão de thesouros celestes*, como lhe chamavam os contemporaneos (1).

Cluny era uma das glorias da França, e foi o berço onde se embalsamaram os grandes luminares da Igreja de Deus. A Revolução, porem, essa peste maldita que ha um seculo tem seifado as mais venerandas instituições da humanidade, não podia ver a famosa abbadia de Cluny, e em 1789 fez expulsar os monges, os santos habitadores d'esta casa veneranda, vendeu, como bens nacionaes o grande mosteiro e suas rendas, e a basilica foi vandalicamente demolida, em nome do progresso, em nome da liberdade, igualdade e fraternidade liberallesca do seculo passado. Hoje, cremos que em Cluny existe uma escola normal.

Dando aos leitores do *Progresso Catholico* a abbadia de Cluny, em gravura, mostramos-lhe o grandioso edificio, o berço de santos e sabios, e protestamos contra os selvagens do seculo passado, como protestamos contra os selvagens do seculo actual, que expulsaram, mataram, roubaram e infamaram os frades.

R.

Secção Litteraria

ANNA ALOISI-MASELLA

Tradução do Italiano

(Continuado do n.º 13)

V

QUATRO annos eram decorridos desde agosto de 1879 sem que Anna voltasse a Roma onde o seu tio Prela-

(1) «Historia dos Papas», por Chantrel, versão portugueza, editada por Teixeira de Freitas—Guimarães.

do não tinha já morada fixa; a sacrilega usurpação da capital do mundo catholico e a prisão do Summo Pontífice, que logo se lhe seguiu, impediram-n'o de exercer o alto cargo que lhe tinha sido confiado. As duas irmãs mais moças também já tinham saído do convento. O tempo que Anna, sempre querida de todos, continuou a levar uma vida piedosa e innocente em casa de seus paes, serviu-lhe para adestrar nos negocios domesticos, o que lhe foi bastante util nos annos seguintes, ainda que ninguem n'isso pensasse por então.

Mas isto fazia ella porque, como era muito docil, amoldava-se a tudo o que os superiores pedissem d'ella. Com tudo isso seus pensamentos estavam de continuo postos n'um fim bem diverso, ao qual sempre esperava chegar.

A vida religiosa era a sua idéa fixa, e devia servir-lhe juntamente de martyrio e de prazer até ao termo de seus dias. Escrevendo a 22 de julho de 1871 de Fómia, onde tomava os banhos do mar, a seu tio que então estava em Constantinopla, dizia-lhe: Desejo ardentemente fazer-me religiosa e não o posso effectuar por falta de saude! E na mesma carta recordava com o coração despedaçado que cinco vezes até então, tinham respondido negativamente às suas vivas instancias para ser aceita no numero das virgens consagradas a Deus.

Mas em lugar de se retirar para a solidão do claustro, apenas voltou para Roma no fim do anno de 1874, teve que encarregar-se do governo d'uma familia.

Tendo o Santo Padre elevado o seu tio a um posto mais relevante, este que bem conhecia a pericia, a prudencia e a docilidade da sobrinha, a poz á frente de todos os encargos domesticos, dispondo além d'isto que cuidasse d'uma irmã mais nova e d'um irmão que também ficavam vivendo com o tio. Anna sempre humilde e resignada aceitou com a sua simplicidade natural e cumpriu com perfeição rara, os seus novos deveres, ainda que a miudo acompanhados de muitos e penosos sacrificios. Para tudo serve a piedade, escreveu o Apostolo das gentes; e pôde-se dizer que a vida de Anna nos offerece d'esta verdade um argumento novo e admiravel. Com o espirito e o coração sempre fixos no seu Jesus, suspirando continuamente por um estado que nunca seria o seu, com tanta sagacidade e prudencia soube dirigir os negocios que lhe confiam, que é motivo d'espanto a quem considera a sua pouca idade e a sua innocente simplicidade. Vigiava as pessoas encarregadas dos serviços da casa, fazendo-se amar e respeitar; a irmã e o irmão n'ella acharam vigilancia e affecto de mãe.

Por isso com toda a razão escreveu

a seu respeito um santo religioso que n'aquelle tempo dirigia a sua alma: «N'aquelle alma bendita resplandecia uma grande simplicidade e innocencia de costumes, com uma devoção sem affectação, e com um desembaraço natural.»

Tambem n'ella observei uma grande prudencia e paciencia em governar as pessoas que estavam a seu cargo, com as quaes exercitou muita paciencia e caridade, supportando-as e procurando o seu bem. Ainda mais, foi sempre muito prudente e paciente com os criados.»

Era verdadeiramente, como lhe chamou outro mui digno religioso igualmente em Roma, «o anjo de paz e de bondade para os seus parentes.»

E como tal, a admirava seu tio, que não se cansava de agradecer ao Senhor o thesouro que lhe tinha concedido, mas que bem depressa lhe ia tirar.

Da liberdade que lhe dava o seu novo estado, aproveitava-se Anna para melhor exercitar as suas mais caras virtudes. Assistia todos os dias com raro fervor ao santo sacrificio da missa, ou em casa celebrado pelo tio, ou nas egrejas publicas; e costumava ao menos tres vezes por semana alimentar-se com o pão celeste. Sobretudo ás sextas feiras aproximava-se da meza eucharistica para render especial culto ao amantissimo Coração de Jesus, cuja devoção, que por todos os modos procurou propagar, tão querida lhe foi que a fazia desfallecer particularmente mais no fim da sua vida. Tambem visitava as egrejas a outras horas as mais vezes que podia; e era de vêr como desprezando todo o respeito humano, se punha de joelhos diante das santas imagens de maior veneração, rezando com tal recolhimento e ardor que edificava aquellas a quem acontecia observar a n'aquelle attitude angelica. N'estas visitas era muitas vezes acompanhada pela irmã, que continuamente affirmava ter-se adiantado tanto nas cousas espirituaes com suas palavras e exemplos. A sua especial e maior delicia era passar muito tempo em oração fervorosa diante da Imagem de Nossa Senhora, do Sagrado Coração de Jesus, que então se venerava na igreja de Santo André della Valle. Com effeito a devoção que Anna tinha a Maria SS., a quem sempre invocava com o doce nome de *minha mamã (Mamma mia)*, era ardentissima; alegrava-se toda em meditar e em ouvir exaltar as virtudes e privilegios, que da purissima Virgem de Nazareth fizeram a mais humilde e a mais elevada de todas as creaturas. Por conselho de pessoa que lhe era summamente cara continuava todo o anno o devoto exercicio das flôres da virtude, um dos mais salutaes do mez de maio. Anna nunca mais interrompeu até ao fim da sua vida este quotidiano obsequio a

Maria, que lhe foi ensinado no fim de 1867.

Merceu ser inscripta na Associação das Filhas de Maria e como tinha em conta de preciosissima joia a medalha que lhe lembrava tão bello privilegio, assim estudava tornar-se digna d'ella pela pratica das virtudes mais queridas da Mãe de Deus. Em honra d'ella e de outros santos mortificava o seu gosto muitas vezes por semana, e se taes mortificações não eram tantas quantas ella desejava, deve isto attribuir-se á sua compleição fraca e ás advertencias que recebia. Prestava um culto especial á santa cujo nome tinha, e para melhor a honrar no dia da sua festa, pediu e foi-lhe concedido de boa vontade que podesse convidar a jantar uma pobre velha que soccorria com largueza.

Com effeito não menos ardente que o seu amor para com Deus era a sua caridade para com o proximo. O seu maior prazer era visitar os enfermos e consolar os afflictos. Muitas vezes a viram em algumas reuniões em casa de familia conhecida, afastar-se das meninas como ella, para ir conversar com alguma senhora d'idade propecta, especialmente se lhe parecia que estava triste ou que os outros d'ella faziam pouco caso. E fazia isto com uma tal naturalidade e delicadeza de maneiras, que se tornava agradabilissima ás pessoas que preferia, sem por isso desagradar ás que abandonava.

Para melhor poder socorrer os necessitados, privava-se do dinheiro que recebia para o seu vestuario, engenhando-se de modo que os vestidos lhe durassem mais tempo: dissimulava com mil artificios industriosos o uso caritativo que fazia do que lhe era dado para occorrer a outras despezas. Anna praticava estas privações tanto mais facilmente que n'ella nunca houve nem sombra de vaidade, tendo-se até chegado a persuadir que era de aspecto desagradavel, quando todos n'ella viam admiravelmente combinadas a perfeita belleza de formas e uma simplicidade e modestia raras. Todavia este seu desprezo dos adornos mundanos não deixava de ser acompanhado de merecimento, tanto mais apreciavel quanto mais escondido. Viu-se isso um dia que uma de suas irmãs a exhortou a vestir-se com mais algum esmero. Anna respondeu-lhe sorrindo, que ás vezes tambem se sentia estimulada pelo desejo de se vestir e parecer melhor, mas, como bem sabia que isto, em lugar de servir para a vida eterna, frequentemente a embaraçava, tinha resolvido evital-o com cuidado sem faltar ás conveniencias e ao decoro que a sua posição exigia.

Este pensamento da vida eterna do *unum necessarium*, era o predominante n'esta donzella escolhida. Portanto evitava, quanto podia, qualquer cousa que

com elle se não conformasse, e o mesmo suggeria aos outros, principalmente á irmã que lhe estava entregue. Quanto Anna tinha que ir com ella pelas ruas mais frequentadas ou aos passeios publicos tentava persuadi-la que era verdadeira loucura e cousa pouco agradável a Deus, mostrar-se n'aquelles logares onde em geral uma menina vae só para ver ou ser vista. Quanto ao mais, a tudo se sujeitava por obediencia, e se lhe parecia que durante o dia tinha andado um pouco distrahida com pensamentos e occupações mais graves, recolhia-se mais á noute, e fazia orações mais fervorosas e mais compridas, sendo muitas vezes preciso advertil-a que as não prolongasse além do que permittiam as suas forças e a necessidade de as reparar pelo somno.

Não é pois de admirar que, em qualquer lugar que estivesse, em qualquer obra que fizesse, a sua innocencia e união com Deus, reflectissem na sua attitudo e no, olhar tão ingenuo e modesto. Pelo que muita razão teve um sacerdote romano para dizer que ella «linha um aspecto verdadeiramente angelico;» e outro para lhe chamar «anjo beindito que attrahia com os seus modos doces e innocentes os que tinham a dita de se aproximar d'ella.» Tambem se lê n'uma carta de um optimo religioso, hoje Bispo, que justamente por aquelle tempo conheceu Anna em Roma, que «a innocencia d'aquella alma tão bella transparencia na sua frente, nos seus olhos e em todo o seu porte.»

Vivendo mau grado seu no meio do seculo, sentia uma consolação ineffavel em tractar com as virgens consagradas a Deus, e estas por sua parte reconheciam logo na innocente donzella sobrados titulos para ser irmã sua, segundo se infere além de outros argumentos, das relações que ella então travou com as religiosas de Nossa Senhora de Sion. Ellas têm a casa mãe em Paris, e onde se acham, produzem fructos admiraveis, mas particularmente no Oriente educando a mocidade e procurando a conversão dos obstinados filhos d'Israel. A optima superiora geral madre Maria Rosa de Sion, acompanhada pela secretaria madre Maria Paula e pela joven irmã Callixta, d'uma nobre familia ingleza, veio a Roma afim de impetrar a approvação definitiva das regras d'aquelle instituto, escriptas pelo seu veneravel fundador o padre Theodoro Maria Ratisbonne. Como isto pertencia á Sagrada Congregação da Propagand, de que era secretario, quanto aos negocios do rito oriental, Monsenhor Aloisi, que tinha conhecido em Constantinopla a superiora geral, não é para espantar que das visitas feitas ao tio se aproveitasse a sobrinha.

Ainda é muito menos para admirar que os seus intimos affectos se revelas-

sem logo ás optimas irmãs, que d'ahi em diante não só lhe dirigiram de vez em quando cartinhas affectuosas, mas compraziam-se em tratá-la já como sua irmã esperando sempre que Anna, fortificando-se um pouco, o fosse na verdade pelo habito e pelos votos. Eis aqui o que a seu respeito escreveu a sobredita irmã Callixta a 10 de setembro de 1879: «Tenho conhecido a sua querida sobrinha, é justo que eu manifeste a edificação que a sua presença me deu na occasião da nossa primeira visita na Via di Monterone, edificação confirmada depois pela conversa que tive na casa das Neophytas na vespera da nossa partida de Roma. Finalmente depois d'aquella viagem a que chamarei duas vezes abençoada porque me fez conhecer um anjo na pessoa da sua Anna, recebi algumas cartinhas d'ella em resposta ás minhas, e em cada uma sempre achava aquella bella alma que me pezava não poder chamar minha irmã para melhor a conhecer e amar.»

Assim começaram as virtudes de Anna a diffundir a sua fragrança ainda mesmo em terras estranhas; o que nos annos seguintes, que foram os ultimos da sua peregrinação terrestre, devia acontecer em maior esphera, sem que isso podesse vir á idéa de ninguem.

(Continúa.)

Maria Domingues de Mendonça (Loulé).

Secção Bibliographica

OS FRADES

Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos

XIV

Os Frades! — Defeza, justificação, e apologia insuspeitissimas colligidas por J. de Lemos.

É uma obra em que o talento reconhecido, e a subida erudição do seu author, se acharam completamente á vontade, por que toda a difficuldade consistio em escolher entre muitos e peregrinos testemunhos, os mais concludentes e authorisados com que formou irrespondivel apologia dos *frades*.

Os chamados liberaes do nosso Portugal que tão cegos e obstinadamente guerreiam as Ordens religiosas, alli encontram desfeitos todos os seus prejuizos pelos seus proprios chefes, pelos mais distinctos escriptores liberaes.

Se lêssem *Os Frades* de J. de Lemos, e quizessem mostrar-se logicos deveriam curvar-se ante aquella força esmagadora da verdade, fazer côo com os catholicos no seu justissimo anhelos pelo restabelecimento das Ordens religiosas, e contribuir assim efficazmente para se res-

tabelecer o antigo poderio de que gozou a nossa querida patria vindo a sua bandeira desfraldada gloriosamente em todos os pontos do mundo conhecido.

O melhor elogio d'esta obra está em que em dois annos apenas já se esgotaram duas edições e já conta terceira!

Além d'este facto demonstrar claramente o merito da obra, indica mais que ainda no nosso paiz ha muito bom senso que mais tarde ou mais cedo ha de manifestar-se em beneficos resultados.

Deus Nosso Senhor abrevie esta epocha; crêmos que para a sua aproximação muito ha de concorrer o precioso livro que recommendamos a todos os nossos leitores.

Ao distincto editor sr. Teixeira de Freitas, os nossos sinceros parabens por ver tão bem coroadas as suas empresas essencialmente catholicas.

O precioso livro de J. de Lemos encontra-se á venda na *Livraria Religiosa*.

(Do *Catholico* d'Angra do Heroismo, de 10 de março de 1884.)

«Os Frades», é um volume de duzentas e tantas paginas em 8.º grande—e custa 300 rs. Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães.

XV

Os Frades, defeza, justificação e apologia insuspeitissimas, colligidas por J. de Lemos.—Foi realmente uma feliz occorrença d'este distincto escriptor portuguez; apresentar uma defeza das ordens religiosas, unicamente com textos dos mais encarnicados inimigos das mesmas Ordens. É muito bem faz em lhe chamar *nada suspeita* a uma tal apologia. A obra, ainda que em portuguez e para portuguezes, não estaria mal em hespanhol: e nas mãos de todos os hespanhoes, que a não necessitamos menos que aquelles nossos vizinhos.

(Da *Revista Popular*, de Barcelona, Hespanha).

Retrospecto da quinzena

Não tivemos espaço para no passado numero nos occuparmos das festas com que aqui se celebrou o mez de Junho, e por isso o vamos fazer agora, que não é tarde nunca para relembrar o que se faz em honra do SS. Coração de Jesus.

Os exercicios em todo o mez foram feitos com a decencia e esplendor devidos, havendo praticas nos ultimos oito dias, feitas pelo muito reverendo Padre Carlos Rademacker, que tivera sempre numeroso auditorio a escuta-o. No ultimo dia depois da communhão geral tivera lugar a festa do encerramento,

constando de missa cantada, e de tarde, vespersas, sermão e *Te-Deum*, sendo ainda orador o já citado Padre jesuista Rademacker.

Honra á benemerita Associação do Coração de Jesus, que n'esta cidade tem prestado grandes serviços não só desenvolvendo o culto catholico, se não também desenvolvendo a instrucção, que muito lhe deve já, graças aos esforços e boa vontade do nosso amigo o R.º Padre Francisco Carneiro.

Escrevem-nos de Evora, dando-nos conta do modo como ali fôra festejado o mez de Junho. Na igreja dos Loyos fizera-se este anno o mez de Maria, com a respectiva festa da Consagração, e no dia 22 de junho realisára-se a festividade do SS. Coração de Jesus, com a solemnidade requerida e a que assistiu um grande numero de fleis. O templo era primorosamente decorado. Na vespera cantaram-se matinas e no dia foram concluidos os actos religiosos com uma imponente procissão. Foram oradores os R.ºs Dr. João Augusto Pina, Dr. Antonio Jacintho Marques e Padre José Maria Neves, que deixaram os auditorios satisfeitos, como era de esperar de suas altas competencias.

Ao digno director diocesano do Apostolado em Portugal, o R.º Sr. Desembargador Marques de Rezende, damos os parabens pelo zelo com que promove o esplendor d'esta devoção.

Na Villa da Ponta do Sol, Ilha da Madeira, foram também imponentes as festas em honra do Coração de Jesus, como se vê da seguinte noticia, que nos dá a *Verdade*:

«A festa do Sagrado Coração de Jesus na Villa da Ponta do Sol foi precedida d'um triduo religioso, presidido por Sua Ex.ª Rv.ª. De manhã havia Missas, confissões e communhões e de tarde terço, pratica por Sua Ex.ª Rv.ª, ladainha e benção do Santissimo.

Trabalharam n'este Santo exercicio os Rv.ºs Parocho e Cura da freguezia, Vigario da Ribeira Brava, Vigario da Magdalena, Vigario e Cura dos Canhas e Padre Caires.

No dia da festa como faltasse (por impossibilidade phisica) o orador convidado, prégou o illustre Prelado.

A musica vocal e instrumental foi executada pelos Snrs. Padres Januarario, Antonio Ferreira, Antonio Pestana, Augusto Pestana, Nuno Pestana e Augusto Martins.

Tocou algumas peças do seu repertorio a banda de musica da Villa, dirigida pelo muito habil professor o Snr. Agostinho Martins.

A freguezia da Ponta do Sol deve agradecer ao ceu tão salutar visita.»

As leis que a Revolução tem feito introduzir entre os povos catholicos, vão produzindo os funestissimos fins que era de esperar. Em Hespanha, e em pleno senado já o escandalo se consummára, mas de uma maneira tistemente infeliz.

Um representante da Academia de Medicina, o snr. Cervera, recusou-se a jurar em nome de Deus que defenderia a constituição e a monarchia de D. Affonso, limitando-se a *prometter por sua honra*.

O senador que tanto alardeava suas idéas impias devera chamar as atenções de todos, e assim aconteceu. Todas as tribunas, todos os logares estavam cheios de gente para escutar o orador que não crê em Deus. Concedida a palavra, o snr. Cervera principia por fazer um estudo acerca do corpo humano, isto é a fazer a apologia da materia; porém, á medida que ia fallando seu rosto perde a côr, sua voz afrouxa, tremem seus labios, e o orador é obrigado, por uma força, que não a da materia, a declarar que se acha incommodado, que não pôde continuar o seu discurso! Depois de um pequeno espaço o impio levanta-se e de novo tenta fallar; deu-se o mesmo caso, e o senador que não quiz jurar por Deus, retirou-se sem demonstrar a superioridade da materia sobre o espirito, cedendo sua vontade diante da vontade de Aquelle que tudo pôde.

Boa lição!

A maçonaria belga, que, como em Portugal, havia escalado e tomado o poder, foi completamente derrotada pelos catholicos nas eleições geraes de deputados, não só em Bruxellas, mas em todas as cidades e povoações importantes. Diante dos esforços do governo e seus agentes apresentou-se o denodo e união dos catholicos, e o triumpho para estes foi completo.

Porque se não hade fazer o mesmo em Portugal? porque não hade a maçonaria, que ha 50 annos domina em Portugal, ser expulsa do poder, obrigada a deixar as cadeiras ministeriaes para serem occupadas por portuguezes, por verdadeiros amigos da sua patria?

Porque não hade o clero despir-se d'esses preconceitos, d'essas pequenas ambições, que o fazem um instrumento das lojas maçonicas, um inimigo da patria, para se tornar o conselheiro do povo, para lhe dizer que os males da patria proveem todos dos maus governos, e que é necessario um esforço sublime para levar ás camaras deputados catholicos, que reajam contra as propostas de governos atheus?

Deixe-se o clero de fazer *figura* a par dos magnates da politica, olhe com desprezo as postas gordas com que elles o engodam e sejam padres catholicos, pastores do rebanho que lhe está confiado, e preparem-nos para a victoria da cruz sobre o malhete do gran-mestrado. Desprezem a politica, a corruptora politica e olhem a patria que agonisa.

S. Ex.ª R.ª o Snr. D. João Maria, Bispo d'Angra, offereceu para serviço do culto um pontifical de damasco, novo, no valor de 300\$000 réis.

Offertou também para as obras da ermida da Boa Hora, no povoação dos Mystérios da ilha de S. Jorge 50\$000 réis.

Assim procediam os antigos Bispos portuguezes e por isso a sua memoria é hoje venerada e respeitada, como o hade ser no futuro a memoria do Ex.º e R.º Sr. D. João Maria do Amaral Pimentel.

Diz-nos o *Affonso Henriques* que «no domingo passado s. ex.ª rv.ª o snr. D. Antonio da Trindade, venerando Prelado d'esta diocese, partiu para S.ºs do Douro, continuando assim a visitar as freguezias que do arcebispado de Braga passaram a fazer parte d'esta diocese.

S. ex.ª rv.ª é um prelado zelosissimo e incansavel na salvação das almas. Deus lhe conceda muitos annos de vida como todos havemos mister.»

Outra *tratantada*, praticada por esses *padrecas* que infestam o mundo. E' do nosso collega do Funchal, *A Verdade*:

«Foram roubados com prejuizo do Banco agricola de Cagliari na ilha da Sardenha alguns centenaes de mil francos. Passado algum tempo apparecem tres restituções ao mesmo Banco motivadas pela confissão. Uma de 37:460 fr. (6 contos de reis); outra de 19:999 fr. (3:600\$000 rs.), e outra ainda de 25:480 fr. (perto de cinco contos).

Com razão dizia um jornal a este respeito:

Entre tribunal e tribunal opto pelo da Penitencia que me faz restituir o que me pertence sem advogados, sem juizes, sem peritos, sem interrogatorios, e finalmente sem o menor incommodo.»

Mas os ladrões, podem gostar da confissão? E o confessor só lhe diz que restitua, sem o obrigar com o medo á cadeia, com a força das bayonetas; restitue se quer; mas, como lhe falla em consciencia, e os larapios, ainda que se digam atheus, sempre teem alguma coisa que os amedronte de noite, para evi-

tarem incommodos, não querem confessar-se, nem querem que os outros se confessem.

Por ocasião das festas com que Braga solemnizou o primeiro centenario da fundação do templo do Bom Jesus, inaugurou-se o Asylo de Mendicidade, de que foi fundador o Ex.^{mo} Snr. Jeronymo da Cunha Pimentel, actual governador civil d'este districto.

Nobilissimo foi o serviço prestado a Braga por S. Ex.^a, mas o que mais o nobilita, o que mais faz sobresahir o caracter do primeiro magistrado do districto, e o colloca acima dos miseraveis que aborrecem e odeiam o habito religioso, é ter S. Ex.^a confiado a direcção do Asylo ás *Irmãs de Caridade* portuguezas.

Os nossos parabens.

As folhas brasileiras trazem a seguinte noticia, que não devemos guardar só para nós, n'estes tempos em que se não querem egrejas, e em que os reis, de ordinario, gastam em cousas inuteis o que podia servir para segurar muita egreja prestes a desabar.

Eil-a:

«Em Petropolis celebrou-se com grande pompa a inauguração da nova igreja matriz. Assistiram ao acto SS. MM. e AA. ll., os principes, o ministro do imperio, o presidente da provincia do Rio de Janeiro, os juizes de direito e municipal da comarca, vereadores da camara municipal e a commissão encarregada da construcção.

Em uma capella provisoria, levantada na praça de D. Pedro, monsenhor Felici, encarregado dos negocios da Santa Sé, resou uma missa, finda a qual se procedeu á cerimonia da collocação da pedra, lendo por essa occasião o snr. conde da Estrella o auto de fundação da igreja de S. Pedro de Alcantara.

Depois da cerimonia abriu-se uma subscrição para as despesas da construcção da nova igreja. S. M. o imperador assignou a quantia de 10:000\$000 réis por anno, e S. A. o senhor conde d'Eu a quantia de 2:000\$000 réis annuaes.»

Aqui está um imperante que, em pleno seculo xix, mostra ainda o *fanatismo* do seu parente D. João v. São effeitos dos calores americanos: na Europa já os reis não fazem d'isto, e muito principalmente os de Portugal: cousas das neves.

A ociosidade dos frades! Quem não se assusta com a lembrança de que Portugal hade ter outra vez frades, e que os conventos serão pasto para essa ociosi-

dade, que durante seculos tem feito a admiração dos homens de sciencia?

Leia-se a seguinte noticia que o *Commercio do Porto* nos dava ha dias:

«Em Niza está chamando a attenção um relógio cosmographico inventado por um frade. Os que vão alli vêr a exposição observam como anda o relógio singular; tem um quadrante para horas e minutos; outro para os mezes; outro para os dias de semana e para os mezes, e n'um quadrante universal pôle vêr-se a hora e o minuto de qualquer ponto da terra. E' uma obra extraordinaria de engenho, paciencia e precisão.»

Santa ociosidade, que produz taes fructos! Mas não venham estabelecer-se em Portugal, gritará ainda o *Commercio do Porto*, que nos dá a noticia, porque então temos a *liberdade* voltada de pés para o ar.

Frades! Para que queremos nós frades? Para enriquecer a sciencia? para dar lustre ás artes? Ora deixemo-nos de frades. O que nós queremos é quem povoe os cafés, quem saiba jogar o bilhar, quem frequente os camarins das actrizes, quem sustente os lupanares.

Sciencia! que nos importa a sciencia? Em sciencia estamos nós a fallar todos os dias, para *comer* o povinho, mas nós não queremos saber d'isso, e é por essa mesma rasão que não queremos frades, que fazem sombra á nossa crassissima ignorancia.

Assim vão fallando os inimigos dos frades, mas os frades vão-lhe fazendo pirraças, como essa que noticia o *Commercio do Porto*.

J. DE FREITAS.

Secção Necrológica

O Padre Antonio Ferrelra d'Abreu

QUANDO a morte, batendo as negras azas, roça com ellas a fronte de um amigo, e o faz cair na vala do cemiterio, se esse amigo é dos mais intimos, se é d'aquelles que a gente se não lembrava que havia morrer, quando d'elle se carecia ainda, o pranto irrompe dos nossos olhos, os soluços embargam-nos a voz, e, instinctivamente ajoelhamos, para pedir ao Senhor pela alma do finado.

O Padre Abreu era d'estes amigos, e por isso grande foi a nossa dor, ao receber a noticia do seu passamento, muito mais por uma coincidência espantosamente notavel, que não podemos esquecer. Faz hoje tres annos que nós apresentamos na Penha a ideia da erecção de um monumento a Pio IX, o Grande, ideia que o Padre Abreu foi dos que mais ca-

lorosamente applaudiu, ficando n'esse mesmo dia 17 de Julho de 1881 nomeado segundo secretario da commissão alli formada. Devoto da Virgem da Penha, entusiasta das bellezas que offerece aquelle poetico sitio, o Padre Abreu não podia deixar de expandir toda a sua alegria durante todo esse dia. Esta coincidência, esta recordação de um dia de jubilos, de alegrias, e a morte do nosso amigo, no mesmo dia e á mesma hora em que elle nos recebia na Penha com aquella franqueza, com a alegria que o caracterisava, faz-nos soffrer acrememente.

O Padre Abreu deixa em Guimarães uma lacuna, que não é facil preencher. Era um Padre trabalhador, um catholico verdadeiro, e apostolo da caridade, porque dava tudo quanto tinha. Como amigo, que o era de todos que o conheciam, é atroz tambem a falta. Não será facil encontrar um semblante tão alegre, um genio tão folgazão, uma alma tão aberta para as grandes alegrias da vida. E' que estes caracteres só se encontram n'aquelles que tem a consciencia de que passam na terra praticando o bem.

Foi secretario da Ordem Terceira de S. Francisco d'esta cidade, era membro da Coraria, e director da Ordem Terceira de S. Domingos. Os seus trabalhos como orador sagrado e como membro de varias corporações são muitos; por isso repetimos, o Padre Abreu não é facil substituir-se.

Por muitos annos foi um dos tres padres zeladores da Virgem Nossa Senhora da Penha, e foi na Penha que elle gastou muita saude, muito dinheiro e muito tempo. Oito dias antes da festa lá ia o Padre Abreu para a Penha. Eram as suas alegrias!

Que a Santissima Virgem lhe alcance a gloria eterna pelo morto que por Ella trabalhou, e dê resignação a toda a sua familia, é o que nós pedimos de joelhos, n'esta hora em que não podemos mais que, por entre lagrimas, traçar estas poucas linhas, á memoria do nosso amigo, por alma de quem pedimos a todos os leitores do *Progresso Catholico* um P. N. e A. M.

Julho, 17 de 1884.

J. DE FREITAS.

Outro amigo morto

Ao revêr as provas d'este numero, espalha-se a noticia da morte do nosso amigo Padre Caldas. Fallaremos d'elle no proximo numero, e enquanto oraé por elle tambem, leitores.